

# Elas são as acadêmicas de Campinas

Maria Conceição de Arruda Toledo,

Maria José Pupo Nogueira e Maria Celestina Ferreira Mendes Torres (que não quis dar entrevista, por uma questão "de princípio muito antigo") são as acadêmicas de Campinas.



## A falta de divulgação das Letras

A escolha tanto pode ser feita com a presença dos acadêmicos e voto secreto, como pelas assinaturas em número absoluto (20). Se dependesse de Maria Conceição de Arruda Toledo, a Academia Campinense de Letras receberia mais uma mulher.

"O meu nome está ligado de uma forma muito íntima ao ingresso de mulheres na Academia Campinense", explicou Conceição. Foi ela que batalhou há mais de dez anos para aceita-

ção de Maria José Moraes Pupo Nogueira, disse. "Se houver um homem e uma mulher no mesmo nível, dou meu voto à mulher", declarou.

Professora de português e jornalista (escreveu, inclusive, sobre o seu método de análise sintática da língua portuguesa), Maria Conceição ingressou na Academia com a publicação do livro "Seara de Ternura", uma seleção de 33 crônicas entre as inúmeras que escreveu na imprensa. Conceição foi eleita a segunda mulher da Academia. Foi eleita em 1970, um ano depois de Maria José.

Sobre a Academia Campinense de Letras propriamente dita, Maria Conceição de Arruda Toledo diz que é preciso maior divulgação, que a imprensa não se interessa muito, nem os cursos de letras. "Não sei se é a imponência do prédio", questionou. Ela sugeriu, então, que professores entrem em contato com os membros acadêmicos para sugestões de palestras e exposições culturais e sociológicas; embora — lembrou — "só os acadêmicos tenham voz" no plenário.

Dona de vastíssima hemeroteca, ela defende os direitos da mulher desde que começou no DP, em 64. Formada jornalista pelo gosto do pai, sempre preferiu trabalhar com adultos. E reconhece que "desde aquela

época não sou feminista, mas partidária das mulheres". Está tudo documentado... cartas, fotos, ofícios, matérias, carinhosamente guardados em pastas e álbuns.

Porém, entre a poesia e as conferências, Maria Conceição gosta mais de ser articulista. "Assino o que escrevo e respondo pelo que assino. Gosto de brigar com quem sabe. Brigar com adversário pequeno não dá gosto".

Dedicada à cultura e à pesquisa, dona de vastíssima hemeroteca, Conceição leu por três vezes as cento e vinte e cinco atas existentes até seu ingresso na Academia. Desejo de por em dia todo o conhecimento da entidade.

No momento, ela está pensando em publicar uma resenha acadêmica de tudo que foi documentado. "Uma edição para as casas de cultura do País por ocasião do jubileu de prata da Academia, dia 17 de maio do ano que vem", explicou. Disse mais: "muitas academias não tem o prédio, nem a biblioteca nem a vida acadêmica que a Academia Campinense tem".

Todavia, a parte todo esse raro aparato, falta, na opinião de Maria Conceição de Arruda Toledo, muita coisa para a Campinense. Falta verba, "um patrocinador, um mecenas, como foi Lauro Pércles Gonçalves".



Não há bibliotecária. Cada associado paga Cr\$ 1.000,00 anuais para a manutenção do prédio. também falta verba para se publicarem os trabalhos acadêmicos.

Em se falando de pesquisa, Maria Conceição de Arruda Toledo mostra-se apaixonada. São dois trabalhos prontos para publicação. Um deles é "O Grande Contestador", primeiro volume. O Grande Contestador trata sobre Flávio de Carvalho. "Um trabalho bio-bibliográfico, levantamento que ele deixou em nossas mãos. O outro livro é uma pesquisa do quinquênio 1921 a 1925, compilado por mim e por Aristides Monteiro".

Cidadã campineira (de título), colaboradora do DP até os dias de hoje, vitalícia da cadeira 30 na Academia, cronista da Folha de Barão, Maria Conceição de Arruda Toledo é a atual presidente do Centro de Poesia e Arte. Embora exista há três anos, totalmente legalizado (o que ela fez questão de lembrar), o Centro de Poesia e Arte não tem sede. Suas reuniões são feitas em locais diversos, como o Centro de Ciências Letras e Artes ou a ACI, Associação Campineira de Imprensa.

Segundo a presidente, o Centro de Poesia e Arte está com sessões abertas a todo público interessado em geral, bem como as reuniões mensais da Academia Campinense de Letras.



## A primeira mulher na Academia

Até 1969, quarenta homens formavam a Academia Campinense de Letras. Nenhuma mulher. Na ocasião, Maria José Pupo Nogueira já tinha condições em dobro. O que se exigia — e se exige — de qualquer pessoa disposta a ingressar nas Academias, é um livro publicado. Maria José já tinha dois. Dois premiados, diga-se de passagem.

Seu "Natal Solitário" recebeu em 1956 o prêmio da Academia Brasileira de Letras. Outro romance, "Céu Escuro", premiado pela Secretaria de Cultura da Guanabara em 1961, foi, no ano seguinte, colocado em segundo lugar pela Academia Paulista de Letras. (Posteriormente, em 72, esta obra acabou finalíssima no concurso do Pen Clube de São Paulo). "Natal Solitário" está com edição esgotada.

Enfim, a campanha deu certo. Sua maior articuladora, Maria Conceição de Arruda Toledo, se elegeria no ano seguinte. Mas não foi fácil. O primeiro

nome feminino na Academia Campinense de Letras motivou grandes discussões. Maria José Moraes Pupo Nogueira relembra a história:

A maioria não queria! Porque achava que, se a França não tinha, a Academia Campinense não deveria ter. Naquele tempo, nem a Academia Brasileira tinha mulheres, só a Academia Paulista. Houve muito tradicionalismo. Entrei depois de um grande celeuma. Fui indicada pelo Francisco de Assis Iglesias. Nunca pedi voto a ninguém. Ganhei por unanimidade.

Atualmente, Maria José Moraes Pupo Nogueira, prepara seu terceiro romance, "Enigma", que pretende lançar ainda este ano, assim que terminar de refazer algumas partes.

Cronista em alguns órgãos da imprensa campineira (ela lamenta a redução de espaço nos jornais), Maria José — Zeza, como é mais conhecida — tem 28 anos de funcionalismo público. "De coordenadora do Teatro Municipal que o Ruy Novaes assassinou, fui coordenadora do Teatro Municipal José de Castro Mendes e remanejada para a Secretaria de Cultura". Ela trabalha no MAC, Museu de Arte Contemporânea.

Para ela, que gosta muito de literatura, sua autora predileta é Clarisse Lispector:

— Em termos de Brasil, a obra que mais analisei foi a de Clarisse Lispector. Esse foi o tema da palestra que dei no Centro de Ciências no curso de literatura realizado no começo deste ano. Não acho que Clarisse Lispector tenha uma só paria. Conceição de Arruda Toledo, entra no hermetismo é que ela se abre mais. Eu consigo perceber

quando é a Clarisse mulher que escreve, quando é a escritora. Para mim (ela não lembra o texto de cor) a maior definição de amor vem de Clarisse.

Explicando que a cada reunião dos acadêmicos sempre há um orador, seja acadêmico ou intelectual convidado, Maria José Moraes Pupo Nogueira dá sua opinião "pessoal" — frisou — sobre a entidade. Mais discussões, mais cursos, mais literatura brasileira, mais entrosamento. Aí sim.

— Só a partir deste ano é que a Prefeitura começou a dar mais um empregado para conservação. Mas a Academia Campinense de Letras deveria ser mais atuante e dinâmica. Na minha opinião pessoal, deveria fazer entrosamento com alunos de Literatura da Unicamp e da Universidade Católica. Precisa haver mais comunicação.

Zeza lembrou dos concursos de literatura. A Academia deveria fazê-los. Porque, também, não promover cursos de literatura brasileira? Entre inúmeros autores, Maria José Moraes Pupo Nogueira propôs a discussão de obras, tipo "Os Sertões" de Euclides da Cunha, que ela considera da máxima importância.

Por fim, reafirmou o que as outras acadêmicas disseram: as portas da Academia Campinense de Letras estão abertas ao público interessado em geral, toda primeira segunda-feira de cada mês.